



Neto de japonês, Daniel Matsumoto fez um procedimento de peeling que deixou manchas no rosto: falta de preparo com peles amarelas

Para ter mais segurança

- Escolha um profissional que transmita segurança e o deixe à vontade para perguntar sobre a formação dele.
- Pesquise sobre o profissional escolhido e busque referências.
- Busque um profissional que tenha experiência em tratar peles semelhantes à sua.
- Pergunte sobre as possíveis complicações e como elas podem ser tratadas, se ocorrerem.
- O dermatologista André Moreira ressalta: “Pergunte, pergunte e pergunte”. Só faça o procedimento quando se sentir totalmente seguro.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

“Mesmo falando sobre o tom da minha pele, da propensão à inflamação, da questão da hiperpigmentação, ela me garantiu que eu poderia, sim, fazer e que daria tudo certo, lembra. Ansioso para se ver livre das manchas, Daniel confiou. Ele também se colocou no lugar da profissional e lembrou que não se sente bem quando clientes não confiam no que ele diz sobre sua área de atuação.

Daniel tomou, então, todos os cuidados e seguiu as recomendações. Depois de enviar fotos para a clínica, ele foi chamado para um retorno e ganhou pomadas e remédios que deveria usar. Passaram-se algumas semanas e o rosto do tatuador não cicatrizou. Depois de consultar dois médicos dermatologistas, descobriu que precisaria esperar a inflamação passar para avaliar a extensão real do problema. Com o rosto manchado, ele pode fazer alguns

tratamentos que eliminem as manchas, mas o problema pode se tornar crônico.

“Não posso tomar sol, não posso sair sem protetor, não posso mais ir à praia com tranquilidade porque, se eu tomar um pouco de sol em qualquer região do corpo, as manchas podem voltar. Se eu não cuidar, elas podem se tornar permanentes. Fiquei muito chateado”, lamenta.

Passando protetor solar com fator 70 a cada três horas, usando medicamentos orais com melanina e outros produtos e sem poder tomar banhos muito quentes, Daniel sente que se houvesse mais informações sobre peles não brancas disponíveis e se os profissionais recebessem uma formação mais inclusiva, tudo teria sido evitado.

O tatuador lembra, ainda, que em um dos retornos à clínica, indagou a uma atendente se esse tipo de inflamação também era comum em pessoas brancas e ficou surpreso ao perceber

que a mulher não entendeu o questionamento, por considerá-lo branco. “Fiquei mais confuso ainda, como pessoas que trabalham com pele diariamente não compreendem a existência da pele amarela?”, questiona.

“Minha autoestima ficou muito abalada, e cheguei a chorar com tudo isso e ter uma fase depressiva. Trabalho com tatuagem, eu me importo com estética e entendo como uma marca feia pode afetar a vida de alguém”, lamenta.

O tatuador entrará com um processo contra a clínica e garante que não é pelo dinheiro, mas, sim, para que mais gente enxergue a existência de pessoas não brancas e o tema seja discutido com mais seriedade e frequência. “É o óbvio. Ter o direito de receber um tratamento no mesmo nível de uma pessoa branca, com os mesmos cuidados, mesmos estudos e pesquisas. Pagamos o mesmo preço, e não consigo ver isso como aceitável.”